

A influência das redes sociais no conhecimento social dos direitos humanos no Brasil

Carolina de Paula Freitas

THE INFLUENCE OF SOCIAL NETWORKS ON SOCIAL AWARENESS OF HUMAN RIGHTS IN BRAZIL

RESUMO:

Este artigo tem o objetivo de ressaltar a importância das redes sociais na difusão dos conceitos dos direitos humanos na sociedade. Apresenta exemplos de publicações e reações que têm grande alcance e os tornaram públicos. Exemplos de páginas que foram feitas para atacá-los e outras para reivindicá-los, feitas por pessoas famosas ou pessoas comuns, sem poder de influência na mídia, mas que alcançaram proporções imensas.

Palavras-chave: Direitos humanos, redes sociais, mídia, brasileiros, denúncias, sociedade, minorias.

ABSTRACT:

This article aims to highlight the importance of social networks in spreading the concepts of human rights in society. It provides examples of publications and reactions that make them public and has great range. Examples of pages that have been made to attack and others to claim human rights made by famous or ordinary people, with no power to influence in the media, but that attained immense proportions.

Keywords: Human rights, social networks, media, brazilians, complaints, society, minorities.

INTRODUÇÃO:

Os seres humanos estão virando Cyborgs, no sentido de serem escravos da tecnologia. É raro encontrar indivíduos que não possuem conta ativa em pelo menos uma das redes sociais mais famosas do mundo (Facebook, Twitter, Instagram, Tumblr, Whatsapp, Snapchat). Contudo, elas não são usadas somente para entretenimento e lazer, são uma grande ferramenta de trabalho e fonte de informação nos dias atuais. Por meio delas, pessoas do mundo inteiro estão ganhando voz e garantindo a liberdade de expressão, fazendo denúncias, se organizando em grupos de protestos ou em uma corrente do bem, mas, sobretudo, reivindicando e tomando conhecimento de seus direitos pessoais e sociais. Não há como negar a importância das mídias sociais online na geração em que estamos vivendo.

O QUE SÃO DIREITOS HUMANOS ?

Os Direitos Humanos são os direitos e liberdades básicas de todos os seres humanos do mundo, embora enfrentem barreiras culturais para vigorarem de forma plena em certos países, como os islâmicos. No Brasil, eles são garantidos na Constituição de 1988, a qual consagra no artigo primeiro o princípio da cidadania, da dignidade da pessoa humana e os valores sociais do trabalho. Asseguram o direito à vida, à privacidade, à igualdade, à liberdade, além de outros, conhecidos como direitos fundamentais, que podem ser divididos entre direitos individuais, coletivos, difusos e de grupos. Para organizá-los melhor, eles foram enquadrados numa escala de quatro dimensões: na primeira, entram os direitos de liberdade pública atrelados ao Estado, como os civis, políticos, religiosos e participação no voto; na segunda, estão os direitos sociais, como o trabalho, estudo, saúde, segurança e igualdade; na terceira, aparecem os direitos à fraternidade, à comunicação, ao meio ambiente, ao desenvolvimento econômico, ao progresso da humanidade, à ajuda entre os povos e à paz; e por fim, porém não menos importante, a quarta dimensão abriga os direitos dos povos, à biosegurança, à proteção contra a globalização desenfreada e à inclusão digital.

Desde sua legitimação na década de 80, esse conjunto de direitos foi legalmente usado pela parte jurídica do país, porém ignorado por grande parte da sociedade brasileira, afetada pela falta de divulgação. É certo dizer que a maioria dos brasileiros não sabe o que eles são e que os possuem, ou sabe de forma errada. Nos últimos três anos, a população e a mídia se mostraram mais preocupadas com esta questão. Isso se deve a um fenômeno particular: o *boom* cada vez mais crescente de usuários das redes sociais.

A DINÂMICA DA VIDA ONLINE

Na internet, a necessidade humana de se conectar e comentar o mundo ao seu redor a todo instante se manifesta na sua forma mais selvagem. Ao todo, o Facebook contabiliza mais de 1 bilhão de usuários ativos por dia, 900 milhões no Whatsapp, 500 milhões no Instagram e Twitter separadamente, e 45 bilhões de posts e mensagens trocadas por dia (dados atualizados em Agosto de 2015). O Brasil é o segundo país a utilizar mais o Twitter, perdendo apenas para os Estados Unidos, e 50% dos brasileiros passam a maior parte do tempo online nas mídias sociais. Todas essas contas permitem que o indivíduo apareça, se mostre e deixe sua opinião, cada uma de uma forma.

De acordo com os estereótipos de cada, o Instagram é conhecido como o aplicativo do ego, já que não é possível usá-lo sem postar uma foto, a maioria são selfies, fotos de viagens ou pratos de comidas. Geralmente as pessoas vão para lá mostrar que estão bem de vida. O Twitter e o Whatsapp são considerados as redes da fofoca, onde as pessoas passam horas e horas conversando, às vezes bobagens, às vezes coisas sérias, e enviando uma enxurrada dos famosos “memes”, que são nada mais nada menos que fotos com expressões ou bordões que se tornaram virais, normalmente extraídos de algum vídeo famoso. O Facebook é a reunião de todos esses adjetivos em um só lugar, onde as pessoas podem postar o que quiserem, textos, fotos, memes, vídeos, e o que mais lhes der “na telha”, tão como interagir uns com os outros através de comentários e curtidas que, em grande parte dos casos, são motivo de intriga e revolta nas postagens. A briga por “likes” é imensa. Muitos relacionamentos já foram destruídos graças a curtidas em fotos de pessoas suspeitas, por exemplo.

“Você é o que você posta nas suas redes sociais” é a nova versão da famosa frase “Você é o que você come”. De fato, as redes sociais expressam a personalidade de cada usuário, baseando-se no propósito com o qual ele as utiliza. Elas passaram a ser uma das principais fontes de informação em massa, muitas vezes sendo mais eficazes e ultrapassando veículos mais antigos como a TV e o Rádio. Para se noticiar algo nelas não é preciso uma equipe de edição nem um horário específico para ir ao ar, essa rapidez faz com que elas fiquem à frente dos outros veículos.

A interação com os receptores na mesma rapidez é outro ponto positivo. Você pode comentar os acontecimentos em tempo real e diretamente com a pessoa física ou jurídica que os postaram. Com isso, as pessoas perderam o medo de falar o que pensam, para o bem e para o mal, e praticamente toda postagem, até mesmo uma aparentemente inofensiva, se torna tendenciosa, de modo a dividir opiniões: de um lado, há os que passaram a reivindicar seus direitos e fazer reclamações e denúncias, do outro, pessoas reclamando do “vitimismo” dos primeiros.

A DINÂMICA DA VIDA ONLINE

Na internet, a necessidade humana de se conectar e comentar o mundo ao seu redor a todo instante se manifesta na sua forma mais selvagem. Ao todo, o Facebook contabiliza mais de 1 bilhão de usuários ativos por dia, 900 milhões no Whatsapp, 500 milhões no Instagram e Twitter separadamente, e 45 bilhões de posts e mensagens trocadas por dia (dados atualizados em Agosto de 2015). O Brasil é o segundo país a utilizar mais o Twitter, perdendo apenas para os Estados Unidos, e 50% dos brasileiros passam a maior parte do tempo online nas mídias sociais. Todas essas contas permitem que o indivíduo apareça, se mostre e deixe sua opinião, cada uma de uma forma.

De acordo com os estereótipos de cada, o Instagram é conhecido como o aplicativo do ego, já que não é possível usá-lo sem postar uma foto, a maioria são selfies, fotos de viagens ou pratos de comidas. Geralmente as pessoas vão para lá mostrar que estão bem de vida. O Twitter e o Whatsapp são considerados as redes da fofoca, onde as pessoas passam horas e horas conversando, às vezes bobagens, às vezes coisas sérias, e enviando uma enxurrada dos famosos “memes”, que são nada mais nada menos que fotos com expressões ou bordões que se tornaram virais, normalmente extraídos de algum vídeo famoso. O Facebook é a reunião de todos esses adjetivos em um só lugar, onde as pessoas podem postar o que quiserem, textos, fotos, memes, vídeos, e o que mais lhes der “na telha”, tão como interagir uns com os outros através de comentários e curtidas que, em grande parte dos casos, são motivo de intriga e revolta nas postagens. A briga por “likes” é imensa. Muitos relacionamentos já foram destruídos graças a curtidas em fotos de pessoas suspeitas, por exemplo.

“Você é o que você posta nas suas redes sociais” é a nova versão da famosa frase “Você é o que você come”. De fato, as redes sociais expressam a personalidade de cada usuário, baseando-se no propósito com o qual ele as utiliza. Elas passaram a ser uma das principais fontes de informação em massa, muitas vezes sendo mais eficazes e ultrapassando veículos mais antigos como a TV e o Rádio. Para se noticiar algo nelas não é preciso uma equipe de edição nem um horário específico para ir ao ar, essa rapidez faz com que elas fiquem à frente dos outros veículos.

A interação com os receptores na mesma rapidez é outro ponto positivo. Você pode comentar os acontecimentos em tempo real e diretamente com a pessoa física ou jurídica que os postaram. Com isso, as pessoas perderam o medo de falar o que pensam, para o bem e para o mal, e praticamente toda postagem, até mesmo uma aparentemente inofensiva, se torna tendenciosa, de modo a dividir opiniões: de um lado, há os que passaram a reivindicar seus direitos e fazer reclamações e denúncias, do outro, pessoas reclamando do “vitimismo” dos primeiros.

RELAÇÃO ENTRE A MÍDIA E O CENÁRIO SOCIAL ATUAL

Estamos passando por um período histórico em que as lutas das minorias sociais estão ganhando visibilidade e virando pautas de notícias, discussões e até mesmo roteiros de filmes, programas e seriados mundo a fora. Por isso, essas preocupações estão atingindo cada vez mais os jovens, que têm mais tempo e interesse na vida online e cultural em geral, e estão mais dispostos a abrir a mente para mudar de ideia se considerarem preciso.

O Twitter é a segunda rede social mais utilizada no mundo, apenas atrás do Facebook, e 80% de seus usuários estão na faixa etária dos 12 aos 25 anos. Pode-se afirmar que essa é a geração de jovens mais conscientes em ano. Isto se deve ao tempo que passam conectados e o que eles procuram na web. A internet, ao contrário do que muitos pensam, já que é conhecida como um dos principais fatores do afastamento das pessoas. Elas preferem mexer em seus celulares e tablets a papear ao vivo. Muitas vezes, torna-se mais eficaz que uma sala cheia de professores ou palestrantes, ou ambientes que proporcionem o convívio em grupo, sem tirar o devido mérito desses, quando o assunto é convivência social e noção dos direitos pessoais.

A web deu visibilidade ao negro, ao nerd, às mulheres, aos homossexuais, aos transgêneros, aos gordos, aos deficientes, aos anões, aos pobres, aos que têm cabelos considerados “ruins” desde o início dos tempos, a religiões mais marginalizadas popularmente, aos que sofreram algum tipo de abuso, aos doentes, e a uma série de inúmeras minorias (nem sempre tão minorias assim), junto com a oportunidade de mostrarem a que vieram, quais seus interesses, incluindo-os numa sociedade que ainda tende a discriminar o que é considerado diferente e fora dos padrões. Chegaria a parecer utopia se não fosse pela visibilidade que também ganharam os com intensão de propagar discursos de ódio.

“As redes sociais são veículo fundamental para diversas causas, mas libertaram uma fúria reacionária que pode gerar efeitos preocupantes. As mídias sociais deram a palavra a uma legião de imbecis que antes só falavam numa mesa de bar depois de uma taça de vinho, sem causar qualquer prejuízo à coletividade”. Um artigo, publicado pela *Carta Capital*, define essa frase do escritor italiano Umberto Eco, morto em fevereiro de 2016, como uma que “não poderia ser mais certa para o atual momento brasileiro”. De fato, o jornal foi coerente na afirmação. Ao mesmo tempo em que as redes deram voz a quem nunca conseguiu falar, e aumentaram o poder de influência e comunicação de figuras públicas, como as celebridades, fizeram com que os que querem agredir elevassem seu tom perante uma plateia bem maior que a de uma mesa de bar ou um jantar em família. Contudo, para toda ação há uma reação. Neste caso, resulta no embate infinito de opiniões opostas, em debates que, embora na maioria das vezes tenham vindo de um assunto absurdo com discurso de ódio, não devem ser cessados; pois, de um ponto de vista positivo, eles despertaram no brasileiro a capacidade de discutir, e de não se calar perante as opressões da vida.

REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE DENÚNCIA

Milhares de denúncias são feitas diariamente por meio das redes sociais. A página “Orgulho de Ser Hétero”, por exemplo -famosa por postar difamações e discursos agressivos contra homossexuais, mulheres, negros e demais minorias-, já foi denunciada e tirada do ar três vezes, mas sempre volta mostrando resistência por parte de seus administradores, e, infelizmente, admiradores. Já a página “Quebrando o Tabu”, é uma grande divulgadora dos direitos humanos no Brasil. Por ser considerada uma página de esquerda, é constantemente atacada por suas postagens -na grande maioria, sobre causas ainda consideradas minoritárias-, abordando muito o feminismo, denunciando casos de machismo, homofobia e intolerância religiosa.

Recentemente tivemos um bom exemplo de denúncia em massa feita graças à mobilização nas redes sociais. Antes mesmo de começar o programa, ao serem anunciados os participantes do BBB 16, internautas acusaram o brother Laércio Moura de pedofilia. Alguns conhecidos das supostas vítimas dele postaram textos dizendo onde, quando e como os abusos aconteceram. As publicações logo foram compartilhadas e comentadas por todo o Facebook e Twitter, onde se concentram a maioria dos telespectadores do *reality show*. O Facebook de Laércio, que não foi excluído durante o seu confinamento, ajudou a fundamentar as acusações contra ele. Lá foram encontradas fotos sensuais de mulheres vestidas em trajes infantis com legendas do tipo “gosto mesmo e não ligo para o mimimi alheio”. Logo, prints dessas publicações estavam rodando pelo Twitter, tendo cerca de 100 mil tweets comentando-as.

Dentro da casa, o designer de tatuagem comentou que a namorada tinha 17 anos, e que o seu maior fetiche são as “novinhas”, revelando que sentia atração em Munik Nunes, uma das duas participantes mais jovens da casa, de 19 anos, já que ela se enquadra nas suas fantasias sexuais. Sabendo disso, durante uma discussão, a sister Ana Paula Renault, de 34 anos, o chamou de pedófilo e de “velho nojento”, acusando-o de assediar as meninas da casa enquanto dançavam nas festas e dormir propositalmente de cueca num quarto com outras mulheres.

Na mesma semana da briga, os dois se enfrentaram no paredão. Durante os dois dias que se seguiram até a eliminação, esse foi o assunto mais comentado nas redes sociais brasileiras. De um lado, os que acusavam Laércio de pedófilo e aplaudiam o empoderamento de Ana Paula perante algo que lhe incomodava. De outro, os que chamavam a loura de mal educada e mimada, que estava acusando o homem sem provas, já que o fato dele namorar uma pessoa de 17 anos não o torna pedófilo, pois a pedofilia só é constada como crime se cometida contra pessoas de 14 anos para baixo, com consentimento ou não. A sister chegou a se desculpar com ele ao saber dessa informação, mas isso não o salvou da eliminação.

Dado o resultado, a internet comemorou o campeonato da maioria, e a minoria lamentou a derrota. Porém, o programa registrou a partir daí o maior índice de audiência desde 2010 - os participantes ainda são um dos assuntos mais comentados nas mídias sociais do país. A questão é que se não fossem as denúncias online e a visibilidade que elas ganharam graças às mídias sociais, o resultado do paredão teria sido outro. Laércio não foi investigado aqui fora, mas ainda reclama de grandes ataques em suas contas e de pessoas na rua. Esse episódio gerou uma campanha virtual a favor do direito feminino de ir e vir sem sofrer assédio, e possibilitou mais denúncias contra pedofilia e estupros; algumas com justiça feita, outras não.

Outro grande exemplo foi a campanha #MeuPrimeiroAssédio, que começou no twitter e posteriormente

migrou para o Facebook e Instagram, onde mulheres postavam a primeira experiência de assédio que sofreram na vida. O episódio ganhou enorme poder midiático devido ao grande número de tweets que foram postados. Não era esperado que tantas mulheres falassem abertamente sobre os casos pessoais. Chocantemente, a maioria dos abusos foram ainda na infância. Isso gerou conscientização, já que até os homens entraram nessa, postaram a tag contando como foi a primeira vez que assediaram uma mulher, demonstrando arrependimento.

DIREITOS HUMANOS E A VIOLÊNCIA COTIDIANA

Uma das premissas dos direitos humanos é a de que todo ser humano tem direito à vida e a ser julgado, independentemente do que ele tenha feito. Esta é talvez uma das questões que mais se discute no cenário social atual.

É certo dizer que quase todos já ouviram os termos “Direito dos Manos”, “Bandido bom é bandido morto”, “Direitos humanos para humanos direitos”, devido a terem virado clichê e serem ditos com certa frequência, principalmente em comentários online. Eles são a prova de como os conceitos básicos dos direitos humanos são interpretados de forma totalmente errada por uma grande parte de brasileiros. Sim, de fato, a premissa humanista não apoia o termo “bandido bom é bandido morto”; mas isso não significa que concorda que ele seja inocentado sem ser punido pelo que fez -embora jamais considere justo a vingança com as próprias mãos. O objetivo não é defender o bandido ou o corrupto, como julgam os leigos no assunto; e sim, reconhecê-los como pessoa física e parte da sociedade, com direito a julgamento e condenação judicial adequada ao crime que cometeu, em vez de morte ou tortura.

Segundo dados publicados pelo Jornal Nexo, em 15 de março de 2015, estima-se que mais de 1 milhão de pessoas tenha participado de linchamentos no Brasil nos últimos 60 anos. Os casos não podem mais ser vistos como excepcionais, e geralmente acontecem contra jovens entre 15 e 30 anos de origem periférica. Esta onda de agressões públicas ganhou um significativo foco midiático após o espancamento público de Fabiane Maria de Jesus, em maio de 2014, no Guarujá, litoral de São Paulo, após boatos de que ela sequestrava crianças para magia negra terem se espalhado num blog local. A mulher era inocente, e sua morte brutal gerou revolta em todos os cantos do país. Anos atrás, esta notícia seria provavelmente dada nos jornais e telejornais nacionais e abafada em algumas semanas. Mas a comoção gerada na internet foi tão grande que o assunto repercutiu por meses após o ocorrido, e até hoje é mencionado.

Ainda nesse tema, o Jornal Extra publicou uma capa muito polêmica com o título “Do tronco ao poste”, na edição do dia 8 de Julho de 2015, e foi alvo de inúmeros ataques por se mostrar de um lado específico. A manchete faz referência à forma bruta como Cleidenilson da Silva foi assassinado após tentar assaltar um bar no Maranhão. O homem foi amarrado num poste e espancado pelas pessoas da rua. O periódico comparou a cena com o que se fazia com os negros condenados ao tronco na época da escravidão. A capa ganhou o prêmio Eso de Jornalismo em Outubro do mesmo ano e ao noticiar isso na página oficial do Facebook, o Extra foi alvo de vários ataques vindos de leitores indignados com a comparação de negros a bandidos, alegando racismo. O mesmo jornal foi alvo também de elogios, ao mostrar a forma como a desigualdade social tende a desfavorecer os negros e pobres, deixando-os sem opções na vida. Aqui estão alguns exemplos do que foi

dito por ambas as partes. Pode-se notar uma coisa em comum: a grande maioria citava os direitos humanos.

“Aquele lixo social foi morto não por ser negro e sim por ser um bandido. Se vocês fazem essa comparação de que ele foi morto por ser negro, vocês abrem espaço para que as pessoas pensem que todo negro é ou será um futuro ladrão. Cuidado...”

“Jornal Lixo Jornal manipulador defensor de vagabundo defensor de bandido !!!!”

“A única diferença é o tempo e as situações! !! Meus antepassados foram escravizados e agredidos por desobediência ou por qualquer outra coisa, e agora estão defendendo um bandido e perguntam por direitos humanos, e virou capa premiada. Vergonha nacional. Onde direitos humanos dá direito à bandido?! DIREITOS HUMANOS PARA HUMANOS DIREITOS!!!!”

“Parabéns Extra! Capa polêmica e que gera muita dor tanto em quem entende o objetivo dos direitos humanos quanto naqueles que por ignorância são contra. Capa poderosa e incomodativa. É claro que incomoda e muito; porque aqueles que defendem que pessoas podem ser condenadas à morte de forma cruel, sem nenhuma forma de julgamento, ficam ofendidos ao perceberem suas semelhanças com outras injustiças seculares.”

CELEBRIDADES E O PODER DE CONSCIENTIZAÇÃO

Os famosos, como cidadãos, estão passando pelo processo de conscientização social da mesma forma que todo mundo. Muitos deles aproveitam o forte poder de influência e o vasto alcance imediato que suas publicações têm para divulgar ideais progressistas e promover debates. O polêmico youtuber, ator e empresário Felipe Neto postou, em maio de 2014, um texto explicativo no Facebook dele sobre o porquê da importância de assegurar os direitos humanos a uma pessoa, com o link do documentário “A Ira de um Anjo”, sobre a formação de uma psicopata ainda na infância:

“A maioria das pessoas odeia os criminosos. Odeia os estupradores, odeia os assassinos, odeiam, apenas odeiam.

A maioria das pessoas não entende os Direitos Humanos. Por que perdem tanto tempo defendendo bandido? Por que ficam tentando ajudar a recuperar criminosos?

A maioria das pessoas gostaria que os criminosos fossem todos expurgados da sociedade, fossem mortos, ou jogados para muito longe.

Mas afinal, como nascem os criminosos? Por que eles existem? Como alguém pode ser tão cruel.

Eu trago hoje pra vocês a história de uma menina chamada Beth. Uma menina que, quando tinha 1 ano de idade, era abusada pelo pai. Aos 6 anos, Beth vai pra terapia porque:

- 1) Tentava matar o irmão constantemente*
- 2) Se masturbava todos os dias e em público*

3) Tentava matar os animais ao seu redor

4) Roubava facas da casa e planejava assassinar os pais

Ela fala tudo isso com muita tranquilidade ao seu psiquiatra, sem sentir qualquer remorso, qualquer emoção.

Beth se tornaria uma serial killer, se não tivesse sido adotada por pais maravilhosos que decidiram lutar de todas as formas para recuperá-la. Após anos de tratamento, ela virou um ser humano normal.

Beth foi abusada quando tinha 1 ano de idade e quase se tornou um monstro. Quando assistimos, temos pena. Temos pena porque ela não chegou a virar uma assassina. Temos pena porque ELA ganhou uma segunda chance.

Mas nós não temos pena de quem não ganha uma segunda chance.

Nós não temos pena de quem é massacrado pela sociedade e se torna um monstro de verdade. Esses nós optamos por não compreender, por não sentir nada, apenas ódio.

Nós achamos que os criminosos entram nessa vida por opção. Que eles pensam como nós, que eles raciocinam como a gente e que, conscientemente, optam pela vida assassina, ou pela vida do roubo.

Dentro deste ideal errado, nós achamos que as soluções estão em ideias estapafúrdias como a Pena de Morte, ou no linchamento em praça pública, como se o medo fosse capaz de agir sobre essas mentes. Como se eles pensassem como nós e realmente fossem reagir a isso como a gente. Isso é um engano comprovado por inúmeros psicanalistas.

“Para aplicar a pena de morte a sociedade deveria ostentar a autoridade moral de não ter contribuído para a fabricação desse criminoso”.

Assistam ao documentário. E reflitam sobre este pensamento: se você sentiu pena de Beth e torceu para sua recuperação, por que você não pode torcer pela recuperação de outros criminosos que não tiveram a mesma chance que ela?

Beth foi abusada sexualmente. Outros são abusados moralmente, psicologicamente, massacrados pela desigualdade, pisoteados por sofrimentos e por realidades que não podemos compreender.

Não estou me referindo a todos os criminosos do mundo, mas a uma gigantesca parcela deles.

E antes que você diga: “queria ver você falar isso se acontecesse algo com você ou alguém da sua família” - Lembre-se, estou falando da razão e do raciocínio lógico, não da emoção. Leis não devem ser escritas baseado em sofrimentos pessoais, mas sim em justiça.

E fica a pergunta final: o que é justiça?”

Esse texto teve mais de 13 mil curtidas, mais de 23 mil compartilhamentos e cerca de 1.700 comentários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão que se pode ter é que, bem ou mal, gostem ou não, mesmo que as pessoas não saibam ou não tenham ouvido falar em direitos humanos, várias põem seus conceitos em prática e lutam por eles graças às informações que receberam nas redes sociais, que com inúmeras denúncias ou postagens de utilidade pública não os deixa morrer ou serem esquecidos.

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO CONHECIMENTO SOCIAL DOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL

Com a palavra, os idiotas. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/com-a-palavra-os-idiotas>>.

Page “*Orgulho de Ser Hétero*”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OrgulhoHeteroOFC/?fref=ts>>.

Page “*Quebrando O Tabu*”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandootabu/?fref=ts>>.

Jornal, N. *Justiça com as próprias mãos, uma realidade cotidiana.* Nexo Jornal, p. Uma, 2015.

Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2016/03/15/Justi%C3%A7a-com-as-pr%C3%B3prias-m%C3%A3os-uma-realidade-cotidiana>>

NETO, Felipe. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/netofelipe/posts/642705812449895>>.

Documentário “*A Ira de Um Anjo*”, legendado, Youtube. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8Bp-cgUQpbk>>.

Capa premiada do Jornal Extra, 8 de Julho de 2015:

